

Frente aos ataques, nossa luta deve se intensificar!

Para atender aos interesses do capital e garantir os lucros dos empresários, uma nova onda de ataques foi lançada pelo governo sobre a classe trabalhadora, com o endosso de centrais sindicais pelegas. A saída é dizer não aos acordos rebaixados

No mundo, patrões e governos atacam os direitos de trabalhadores com medidas de austeridade, que nada mais são que arrocho nos salários e corte nos gastos públicos, aumentando a miséria.

No Brasil, enquanto aumenta a concentração de renda, uma vez que as dívidas privadas das grandes corporações foram transformadas em públicas, os trabalhadores têm amargado perda sobre perda.

Depois das MPs que restringiram o acesso dos trabalhadores ao auxílio-doença, seguro desemprego, abono salarial e pensão por morte, nesta semana será analisado pelo Congresso Nacional, o projeto que libera geral a terceirização.

E mais: os trabalhadores nas terceirizadas não serão necessariamente afiliados ao sindicato que representa a atividade principal da empresa. Ou seja, além de precarizar ainda mais as condições e relações de trabalho, ainda enfraquece a luta da categoria.

Em março, o Sindipeças, que é o sindicato patronal do setor de autopeças e que tem o maior número de empresas e de trabalhadores em nossa região, a pedido dos empresá-



os reuniu-se com os Sindicatos de Campinas, Santos, Limeira e São José dos Campos, que negociam juntos na campanha salarial e propôs várias medidas com o falso argumento de evitar demissões.

O Sindipeças foi o único que não fechou acordo coletivo com aumento real nos salários. E, agora, quer ir além nos ataques, propondo a flexibilização

e a retirada dos direitos como a implementação de lay-off, banco de horas, e redução de jornada e salários em até 25%.

O que deixa claro que o Sindipeças quer dificultar cada vez mais as negociações não só no seu segmento, mas servindo também de parâmetro à mesma cadeia produtiva e para outros grupos metalúrgicos.

Nada é por acaso

Portanto, é preciso entender o que está por trás desses três assuntos que parecem estar isolados, mas não estão.

O lançamento do pacote de maldades do governo, com MPs e ajuste fiscal; a retomada de discussão do projeto de terceirização que estava em banho-maria no Congresso; e a proposta do Sindipeças de rebaixar direitos e tentar intimidar a organização dos trabalhadores para “evitar” demissões nada mais é do que o capital fazendo os ajustes para continuar garantindo o perfeito funcionamento do sistema. Isto é, diminuir cada vez mais o número de postos de trabalho, reduzir salários e direitos e aumentar a produtividade e o lucro dos patrões.

A única saída para nossa classe é a resistência, como vêm demonstrando os trabalhadores em várias partes do mundo, bem como a luta coletiva e organizada nos locais de trabalho como a mobilização dos companheiros na Rodofort, em Sumaré; na Lupatech, em Americana; e na Audax, Ciadox e Prest-Usi, em Indaiatuba, que estão de braços cruzados em defesa de salários, empregos e direitos, ameaçados pela suspensão dos contratos com a Petrobras.

Renúncia e ajuste fiscal: para os aliados tudo!

Os empresários foram agraciados pelo governo com isenção de IPI, desoneração da folha de pagamentos e de empréstimos bilionários a juros baixíssimos via BNDES. Só das empresas metalúrgicas, o governo abriu mão de arrecadar R\$ 5,5 bilhões.

O resultado de tanta bondade foi o

envio de US\$ 21,2 bilhões ao exterior, em 2014, segundo o Midic (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior). Só a indústria remeteu US\$ 11,5 bilhões.

Ou seja, para as empresas, tudo, para os trabalhadores nada. Ainda amargamos o aumento da inflação e

dos reajustes nas contas de água, eletricidade, combustível, cesta básica e outros.

Porém, pra garantir a saúde do capital, os trabalhadores ficaram à míngua. Só em 2014, foram fechados 105 mil postos de trabalho no ramo metalúrgico; mais de 65 mil no estado de São Paulo.



Metalúrgicos da região seguem mobilizados por emprego, salário e direitos

Rodofort



Desde o dia 30/03, os trabalhadores estão paralisados em protesto contra o anúncio da empresa de demitir 100 companheiros e ainda contra a tentativa de parcelar as verbas rescisórias.

O ataque não para por aí: a empresa quer também fazer alterações no PCS (Plano de Cargos e Salários) e na PLR (Participação nos Lucros e Resultados).

Audax, Ciadox e Prest-Usi



Os companheiros e companheiras na Audax, Ciadox e Prest-Usi, em Indaiatuba estão há 60 dias sem receber.

Segundo estas empresas, os salários dos trabalhadores estão atrasados porque elas estão sem receber do principal cliente, a Petrobras.

Desde fevereiro, os trabalhadores estão parados em casa e além da falta dos salários, também estão sem os depósitos do FGTS. A empresa chegou a propor o absurdo de demiti-

los e parcelar o pagamento das verbas rescisórias em 24 meses.

Os companheiros rejeitaram a proposta e acamparam em frente à fábrica para evitar a retirada do maquinário pelas empresas.

Para tentar amenizar a crítica situação dos companheiros na luta até a vitória e também de seus familiares que estão sendo prejudicados pelo descaso das empresas, o Sindicato está fazendo uma arrecadação solidária de alimentos entre os trabalhadores em Indaiatuba.

Icape



Desde terça-feira (31/03), os cerca de 100 trabalhadores nas plantas da Icape de Campinas e de Valinhos decidiram entrar em greve por tempo indeterminado porque a empresa vem demitindo sem pagar verbas rescisórias; está devendo a segunda parcela do 13º salário, que deveria ter sido paga em 20 de

dezembro de 2014; pela falta de depósito do FGTS há 2 anos; pelo atraso na entrega da cesta básica; e também porque a empresa recolhe o imposto sindical do salário dos trabalhadores, mas não o repassa ao Sindicato, impedindo que os trabalhadores associados possam reaver o valor na época da devolução.

Não se iluda: retirada de direitos jamais evitaram demissões



Na década de 1990, sindicatos filiados às centrais CUT e Força Sindical aceitaram redução de direitos com o argumento de evitar demissões. Ao contrário disso, houve uma avalanche de demissões no ABC, em número proporcionalmente maior do que em nossa região, que rejeitamos os acordos fechados por lá.

Essa prática é adotada pela CUT e

Força Sindical, como nos acordos sem aumento real de salários até 2017 fechados na Mercedes Benz, Volks e Ford. Esses acordos, porém, não foram suficientes para barrar os ataques aos direitos dos trabalhadores nem impedir milhares de demissões nas montadoras do ABC.

Tanto que em janeiro deste ano os trabalhadores na Volkswagen, Mer-

cedes-Benz em São Bernardo do Campo passaram por cima, com greve, das propostas apresentadas pelos empresários e defendidas pelo sindicato.

A mesma situação está acontecendo agora na Ford, em Taubaté, onde os trabalhadores estão novamente em greve à revelia da direção do sindicato.